

Dinis Manuel Pedro Alves

**MIMETISMOS E DETERMINAÇÃO
DA
AGENDA NOTICIOSA TELEVISIVA**

A agenda-montra de outras agendas

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

2004

Dinis Manuel Pedro Alves

**MIMETISMOS E DETERMINAÇÃO
DA
AGENDA NOTICIOSA TELEVISIVA**

A agenda-montra de outras agendas

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Fundo Social Europeu no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio

Faculdade de Letras

Universidade de Coimbra

2004

Dissertação de Doutoramento na área de Ciências da Comunicação,
especialidade de Discurso dos Media,
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra,
sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Rui Cádima
e a co-orientação da Prof. Doutora Isabel Nobre Vargues

A meus pais e irmão

À Mariana, Inês e Fernanda

ÍNDICE

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO.....	20
1.1. Formulação da hipótese.....	25
1.2. Metodologia de investigação.....	28
1.3. Alinhamento.....	29
2. MAL DITA TELEVISÃO.....	31
2.1. O electrodoméstico maligno.....	31
2.2. <i>Kill Your Television</i> - Para acabar de vez com a televisão.....	43
2.3. A televisão do <i>continuum</i>	46
2.4. O jornalismo televisivo existe?.....	52
2.4.1. O <i>infotainment</i> - Noticiar para divertir.....	62
2.4.2. Jornalismo - Profissão sem fronteiras.....	75
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	83
3.1. Os <i>media</i> todo-poderosos.....	83
3.1.1. A primeira ecografia.....	84
3.1.2. A teoria hipodérmica.....	89
3.2. Os efeitos limitados.....	92
3.3. Usos e satisfações.....	95
3.4. <i>Agenda-Setting</i>	99
3.5. Estudos de <i>newsmaking</i> - A descoberta das redacções.....	109
3.6. O mimetismo.....	126
3.7. A máquina enfatizada.....	137
3.8. A máquina constrangida.....	144
3.9. Preenchimento de uma lacuna.....	155

CAPÍTULO II

1. MIMETISMOS E DETERMINAÇÃO DAS AGENDAS	159
1.1. Indicações prévias	159
1.1.1. Critérios de selecção das semanas a analisar	160
1.1.2. Assuntos como <i>matéria de que tratam</i> as notícias	161
1.2. Semana de 4 a 10.01.1999	164
1.2.1. Potenciação noticiosa de assuntos da agenda televisiva em função da selecção por maior ou menor número de estações de televisão	213
1.2.2. Hierarquia das notícias nos alinhamentos, em função da selecção dos assuntos por maior ou menor número de estações de televisão	218
1.2.2.1. Notícias de abertura	219
1.2.2.2. Notícias nos três primeiros lugares dos alinhamentos	220
1.2.2.3. Notícias de fecho	221
1.2.2.4. Notícias nos últimos três lugares dos alinhamentos	224
1.2.3. Forças miméticas internas a cada estação	225
1.2.3.1. Análise aos fluxos entre noticiários da RTP1	225
1.2.3.1.1. Noticiários da RTP1 como <i>emissores</i>	227
1.2.3.1.2. Noticiários da RTP1 como <i>receptores</i>	229
1.2.3.1.3. Fluxos cumulativos e não cumulativos (introdução de assuntos <i>ex novo</i> nos noticiários)	234
1.2.3.2. Análise aos fluxos entre noticiários da SIC	236
1.2.3.2.1. Noticiários da SIC como <i>emissores</i>	236
1.2.3.2.2. Noticiários da SIC como <i>receptores</i>	238
1.2.3.2.3. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1 e entre noticiários da SIC	242
1.2.3.3. Análise aos fluxos entre noticiários da TVI	243
1.2.3.3.1. Noticiários da TVI como <i>emissores</i>	245

1.2.3.3.2. Noticiários da TVI como <i>receptores</i>	247
1.2.3.4. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1, entre noticiários da SIC e entre noticiários da TVI	251
1.2.4. Redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	257
1.2.4.1. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (RTP1)	260
1.2.4.2. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (SIC)	264
1.2.4.3. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (TVI)	264
1.2.4.4. Comparação dos valores semanais de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça pelas três estações de televisão	265
1.2.4.5. Informativos matinais como receptores de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	267
1.2.4.6. Peso das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça na realimentação dos fluxos entre noticiários da mesma estação	272
1.2.4.7. Despromoção, nos alinhamentos, das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	274
1.2.4.7.1. Desactualização de peças redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	276
1.2.4.8. Pistas para uma explicação dos procedimentos detectados	279
1.2.5. A agenda do <i>Jornal 2</i> e as agendas dos restantes informativos televisivos .	280
1.2.6. Análise da agenda noticiosa radiofónica em função da agenda noticiosa televisiva	285
1.2.6.1. Indicações prévias	285
1.2.6.2. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio e televisão . .	286
1.2.6.3. Pré-agendamento radiofónico da agenda noticiosa televisiva	295

1.2.6.4. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações:	
relação entre o meio/rádio e o meio/televisão	298
1.2.6.4.1. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram antecipados	
pelo pleno das estações de rádio	299
1.2.6.4.2. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados	
pelo pleno das estações de rádio	312
1.2.6.4.3. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados	
por uma, duas ou três estações de rádio	313
1.2.7. Análise da agenda noticiosa radiofónica em função da agenda televisiva.	
Potenciação de assuntos em notícias e vigência horária	
em antena (7.01.1999)	315
1.2.7.1. Indicações prévias	315
1.2.7.2. Potenciação noticiosa de assuntos seleccionados pelas estações	
de rádio (grupo cumulativo), em função da selecção dos mesmos	
assuntos pelas estações de televisão	345
1.2.7.2.1. Antena 1	345
1.2.7.2.2. Rádio Renascença	347
1.2.7.2.3. TSF	349
1.2.7.2.4. Dados apurados referentes ao conjunto das estações de rádio	
(grupo cumulativo)	350
1.2.7.3. Permanência em antena de assuntos noticiados pelas estações	
de rádio (grupo cumulativo), em função da selecção dos mesmos	
assuntos pelas estações de televisão	352
1.2.7.3.1. Antena 1	356
1.2.7.3.2. Rádio Renascença	357
1.2.7.3.3. TSF	358
1.2.7.3.4. Dados apurados referentes ao conjunto das estações de rádio	
(grupo cumulativo)	359

1.2.7.3.5. Eventuais implicações da saturação noticiosa prévia por parte dos informativos radiofónicos no processo de decisão da agenda noticiosa televisiva	361
1.2.7.4. Potenciação noticiosa dos grupos de assuntos:	
a) seleccionados apenas pelo meio/rádio;	
b) seleccionados apenas pelo meio/televisão;	
c) seleccionados conjuntamente pelos dois meios	365
1.2.7.5. Pré-agendamento radiofónico da agenda televisiva	375
1.2.7.6. Agenda televisiva como <i>agenda-reflexo</i> de outras agendas, nomeadamente no grupo dos <i>assuntos de privilégio</i>	376
1.2.8. Análise da agenda noticiosa da imprensa escrita em função da agenda noticiosa televisiva (com cotejo efectuado à agenda noticiosa do meio/rádio)	379
1.2.8.1. Indicações prévias	379
1.2.8.2. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios imprensa escrita e televisão	401
1.2.8.3. Peculiaridades das diferentes agendas	402
1.2.8.4. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV: relação com o meio/imprensa escrita	405
1.2.8.5. Veiculação noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio, imprensa escrita e televisão	407
1.2.8.6. Pré-agendamento da agenda noticiosa televisiva pelas agendas do meio/rádio e do meio/imprensa escrita	417
1.2.8.7. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV: relação com os meios rádio e imprensa escrita	418
1.2.8.8. Potenciação noticiosa de assuntos seleccionados pelos jornais diários, em função da selecção dos mesmos assuntos pelas estações de televisão	420

1.2.8.9. Agendas noticiosas como <i>news promoters</i> de outras agendas noticiosas	424
1.2.8.10. A <i>agenda-agendada</i>	426
1.2.8.11. Assuntos da agenda televisiva ignorados pelos meios rádio e imprensa escrita	429
1.2.8.12. Assuntos da agenda televisiva retomados pelo meio/imprensa escrita	432
1.2.8.13. Absorção, pela agenda televisiva, de assuntos noticiados pela imprensa escrita	438
1.2.8.13.1. Análise de casos de repescagem temporalmente dilatada. . . .	447
1.2.8.13.2. <i>Media</i> estrangeiros como fonte	453
1.2.8.13.3. A imprensa antecipa, a rádio dá, a televisão mostra	454
1.2.8.14. Práticas e constrangimentos dos <i>gatekeepers</i> das redacções televisivas, por contraponto com a imprensa escrita.	456
1.2.8.14.1. Fonte escondida, imprensa de fora	456
1.2.8.14.2. <i>Follow-up</i> pouco atraente	459
1.2.8.14.3. Ressonância mimética do dramatismo	464
1.2.8.14.4. A longa espera pela imagem.	467
1.2.8.14.5. Agenda televisiva, uma agenda constrangida	469
1.2.9. Conclusões da análise à semana de 4 a 10.01.1999.	474
1.3. Semana de 21 a 27.06.1999	476
1.3.1. Indicações prévias	477
1.3.2. Potenciação noticiosa de assuntos da agenda televisiva em função da selecção por maior ou menor número de estações de televisão	532
1.3.3. Hierarquia das notícias nos alinhamentos, em função da selecção dos assuntos por maior ou menor número de estações de televisão	535
1.3.3.1. Notícias de abertura	535
1.3.3.2. Notícias nos três primeiros lugares dos alinhamentos	537

1.3.3.3. Notícias de fecho.	538
1.3.3.4. Notícias nos últimos três lugares dos alinhamentos	539
1.3.4. Forças miméticas internas a cada estação	540
1.3.4.1. Análise aos fluxos entre noticiários da RTP1	541
1.3.4.1.1. Noticiários da RTP1 como <i>emissores</i>	541
1.3.4.1.2. Noticiários da RTP1 como <i>receptores</i>	545
1.3.4.2. Análise aos fluxos entre noticiários da SIC.	549
1.3.4.2.1. Noticiários da SIC como <i>emissores</i>	549
1.3.4.2.2. Noticiários da SIC como <i>receptores</i>	549
1.3.4.2.3. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1 e entre noticiários da SIC.	554
1.3.4.3. Análise aos fluxos entre noticiários da TVI.	555
1.3.4.3.1. Noticiários da TVI como <i>emissores</i>	558
1.3.4.3.2. Noticiários da TVI como <i>receptores</i>	558
1.3.4.4. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1, entre noticiários da SIC e entre noticiários da TVI	560
1.3.5. Redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	564
1.3.5.1. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (RTP1).	564
1.3.5.2. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (SIC)	564
1.3.5.3. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (TVI)	568
1.3.5.4. Comparação dos valores semanais de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça pelas três estações de televisão.	570
1.3.5.5. Informativos matinais como <i>receptores</i> de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	571

1.3.5.6. Peso das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça na realimentação dos fluxos entre noticiários da mesma estação	575
1.3.5.7. Despromoção, nos alinhamentos, das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	576
1.3.6. A agenda do <i>Jornal 2</i> e as agendas dos restantes informativos televisivos .	577
1.3.7. Análise da agenda noticiosa radiofónica em função da agenda noticiosa televisiva	582
1.3.7.1. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio e televisão . .	582
1.3.7.2. Pré-agendamento radiofónico da agenda noticiosa televisiva.	582
1.3.7.3. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações: relação entre o meio/rádio e o meio/televisão	597
1.3.7.3.1. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram antecipados pelo pleno das estações de rádio	599
1.3.7.3.2. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados pelo pleno das estações de rádio	600
1.3.7.3.3. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados por uma, duas ou três estações de rádio	613
1.3.8. Análise da agenda noticiosa da imprensa escrita em função da agenda noticiosa televisiva (com cotejo efectuado à agenda noticiosa do meio/rádio)	614
1.3.8.1. Indicações prévias.	614
1.3.8.2. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios imprensa escrita e televisão.	653
1.3.8.3. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV: relação com o meio/imprensa escrita.	654
1.3.8.4. Veiculação noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio, imprensa escrita e televisão.	656

1.3.8.5. Pré-agendamento da agenda noticiosa televisiva pelas agendas do meio/rádio e do meio/imprensa escrita	672
1.3.8.6. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV: relação com os meios rádio e imprensa escrita	674
1.3.8.7. Potenciação noticiosa de assuntos seleccionados pelos jornais diários, em função da selecção dos mesmos assuntos pelas estações de televisão	675
1.3.8.8. Agendas noticiosas como <i>news promoters</i> de outras agendas noticiosas	678
1.3.8.9. Assuntos da agenda televisiva ignorados pelos meios rádio e imprensa escrita	680
1.3.8.10. Assuntos da agenda televisiva retomados pelo meio/imprensa escrita	684
1.3.9. Conclusões da análise à semana de 21 a 27.06.1999.	687
1.4. Semana de 29.11.1999 a 05.12.1999.	694
1.4.1. Indicações prévias	695
1.4.2. Potenciação noticiosa de assuntos da agenda televisiva em função da selecção por maior ou menor número de estações de televisão	748
1.4.3. Hierarquia das notícias nos alinhamentos, em função da selecção dos assuntos por maior ou menor número de estações de televisão	751
1.4.3.1. Notícias de abertura	751
1.4.3.2. Notícias nos três primeiros lugares dos alinhamentos	753
1.4.3.3. Notícias de fecho.	753
1.4.3.4. Notícias nos últimos três lugares dos alinhamentos	755
1.4.4. Forças miméticas internas a cada estação	756
1.4.4.1. Análise aos fluxos entre noticiários da RTP1	757
1.4.4.1.1. Noticiários da RTP1 como <i>emissores</i>	757
1.4.4.1.2. Noticiários da RTP1 como <i>receptores</i>	760

1.4.4.2. Análise aos fluxos entre noticiários da SIC.	764
1.4.4.2.1. Noticiários da SIC como <i>emissores</i>	764
1.4.4.2.2. Noticiários da SIC como <i>receptores</i>	766
1.4.4.2.3. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1 e entre noticiários da SIC.	769
1.4.4.3. Análise aos fluxos entre noticiários da TVI.	770
1.4.4.3.1. Noticiários da TVI como <i>emissores</i>	771
1.4.4.3.2. Noticiários da TVI como <i>receptores</i>	774
1.4.4.4. Comparação dos valores semanais de fluxos entre noticiários da RTP1, entre noticiários da SIC e entre noticiários da TVI	775
1.4.5. Redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	778
1.4.5.1. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (RTP1).	778
1.4.5.2. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (SIC)	778
1.4.5.3. Análise aos procedimentos de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça (TVI)	782
1.4.5.4. Comparação dos valores semanais de redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça pelas três estações de televisão.	784
1.4.5.5. Peso das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça na realimentação dos fluxos entre noticiários da mesma estação	785
1.4.5.6. Despromoção, nos alinhamentos, das notícias redifundidas sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	787
1.4.6. A agenda do <i>Jornal 2</i> e as agendas dos restantes informativos televisivos .	787
1.4.7. Análise da agenda noticiosa radiofónica em função da agenda noticiosa televisiva	791
1.4.7.1. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio e televisão . .	791

1.4.7.2. Pré-agendamento radiofónico da agenda noticiosa televisiva	791
1.4.7.3. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações:	
relação entre o meio/rádio e o meio/televisão	805
1.4.7.3.1. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram antecipados	
pelo pleno das estações de rádio	807
1.4.7.3.2. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados	
pelo pleno das estações de rádio	808
1.4.7.3.3. Assuntos noticiados pelo meio/televisão que foram ignorados	
por uma, duas ou três estações de rádio	808
1.4.8. Análise da agenda noticiosa da imprensa escrita em função da agenda	
noticiosa televisiva (com cotejo efectuado à agenda noticiosa	
do meio/rádio)	821
1.4.8.1. Indicações prévias	821
1.4.8.2. Difusão noticiosa de assuntos comuns aos meios imprensa escrita	
e televisão	853
1.4.8.3. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV:	
relação com o meio/imprensa escrita	854
1.4.8.4. Veiculação noticiosa de assuntos comuns aos meios rádio, imprensa	
escrita e televisão	856
1.4.8.5. Pré-agendamento da agenda noticiosa televisiva pelas agendas	
do meio/rádio e do meio/imprensa escrita	873
1.4.8.6. Assuntos noticiados por maior ou menor número de estações de TV:	
relação com os meios rádio e imprensa escrita	874
1.4.8.7. Potenciação noticiosa de assuntos seleccionados pelos jornais	
diários, em função da selecção dos mesmos assuntos pelas	
estações de televisão	875
1.4.8.8. Agendas noticiosas como <i>news promoters</i> de outras agendas	
noticiosas	877
1.4.8.9. Assuntos da agenda televisiva ignorados pelos meios rádio	
e imprensa escrita	881

1.4.8.10. Assuntos da agenda televisiva retomados pelo meio/imprensa escrita	883
1.4.9. Conclusões da análise à semana de 21 a 27.06.1999.	883
1.5. Mimetismos e determinação das agendas - Conclusões a extrair do conjunto das três semanas analisadas	887
1.5.1. Potenciação noticiosa de assuntos da agenda televisiva em função da selecção por maior ou menor número de estações de televisão	888
1.5.2. Hierarquia das notícias nos alinhamentos, em função da selecção por maior ou menor número de estações de televisão.	890
1.5.3. Forças miméticas internas a cada estação - Fluxos de notícias entre telejornais	893
1.5.4. Redifusão de notícias sem alteração da introdução do <i>pivot</i> e da peça	895
1.5.5. A agenda do <i>Jornal 2</i> e as agendas dos restantes informativos televisivos .	896
1.5.6. Análise da agenda noticiosa radiofónica em função da agenda noticiosa televisiva	897
1.5.7. Análise da agenda noticiosa da imprensa escrita em função da agenda noticiosa televisiva (com cotejo efectuado à agenda noticiosa do meio/rádio)	901
1.5.8. Pré-agendamento da agenda noticiosa televisiva pelas agendas do meio/rádio e do meio/imprensa escrita	906
 2. A MÁQUINA CONSTRANGIDA - CONTRIBUTOS DAS SEMANAS DE OBSERVAÇÃO DIRECTA NAS REDACÇÕES TELEVISIVAS	 909
2.1. Indicações prévias	909
2.2. Jornalismo televisivo - Uma longa lista de constrangimentos	910
2.2.1. Condicionantes temporais	911
2.2.2. Notícias do almoço e notícias do jantar	916
2.2.3. Alinhamento condicionado	917

2.2.3.1. A abertura	920
2.2.3.2. O fecho	920
2.2.3.3. A tematização	933
2.2.3.4. Alinhamento condicionado pela grelha	934
2.2.3.5. Produto preparado para emissão e produto emitido	936
2.2.3.6. Actualidade intemporal	939
2.2.3.7. Os directos como expediente.	942
2.2.3.8. Alinhamentos condicionados pelos directos	943
2.2.3.9. Enviados especiais com lugar cativo	946
2.2.4. Imagens imprescindíveis.	946
2.2.5. <i>Notícias-DOT</i> , ou a necessidade de noticiar para fidelizar.	949
2.2.6. Telejornais de longa duração	959
2.2.7. Desvalorização dos informativos situados nos extremos do ciclo noticioso diário	961
2.3. Agenda determinada por outros meios	967
2.3.1. Maior sensibilidade às manchetes.	969
3. O JORNALISMO TELEVISIVO NA ÓPTICA DOS PROFISSIONAIS	971
3.1. Indicações prévias	971
3.2. A agenda noticiosa televisiva e as outras agendas	971
3.3. O poder dos jornalistas de televisão.	977
3.4. Jornalismo televisivo: uma extensa panóplia de condicionantes	978
3.5. Das características das notícias, e sua hierarquização nos telejornais	989
3.6. Representações do produto jornalístico da estação, da concorrência, e da imagem dos jornalistas.	994
3.7. Avaliação pessoal, interna e externa do trabalho produzido	999
3.8. Do telejornal ideal ao futuro dos noticiários televisivos	1005
3.9. Síntese conclusiva	1012

CAPÍTULO III

1. Conclusões.....	1014
Fontes	1049
Bibliografia	1056
Anexos.....	1070

1. INTRODUÇÃO

“Penso que já não olhava para o meu marido tão atentamente há anos. Ele está velho”.

Larisa Lubomirova, vendedora de hortaliças russa, sobre o facto de os moscovitas terem ficado sem televisão, na sequência do incêndio na torre Ostankino (*Expresso*, 09.09.2000)

O bulício do mundo há décadas que passou a ter as batidas medidas num pulso em forma de ecrã. A televisão garante que tudo passa por lá, os agentes activos do fazer-mundo chancelam o *diktat*: *Só existe o que passa na TV*, o “real” só se *realiza* quando ungido pela bênção catódica da sua divulgação/amplificação. Ignorado pela televisão, o *acontecimento* já conhece o destino da sua efémera existência: a vala comum dos *sem-TV*, cova funda pejada de factos nados-mortos, certidão de óbito acusando sempre as mesmas maleitas – deficiente funcionamento das incubadoras televisivas, reprovação nos *castings* apuradores das notícias do dia, sinais vitais (actualidade, impacto, espectacularidade, burlesco, proximidade) demasiado débeis, não justificando entrada nos cuidados intensivos das redacções para reanimação em forma de notícia. O “objecto do século”¹ é, sobretudo, *O Sujeito*. Arroga-se o exclusivo de reificar, na virtualidade catódica, alguns excertos do “real”, deixando mole imensa de outros “reais” apodrecerem vítimas da gangrena virtual, a que ataca todos os factos condenados ao olvido por implacável e inapelável decisão dos *gatekeepers*. Hoje, o facto irrompe ou fabrica-se sonhando a suprema bênção, não de um toque de Midas, mas de um *toque dos Media*.

Opinion-makers, políticos, demais agentes decisórios, todos se apressaram, à uma, em seguir Burke², atribuindo aos *media* estatuto e prerrogativas de Quarto Poder. Na vertigem divinitória, cedo a imprensa (no seu sentido lato) exigiu mais, passando a Poder que atravessa os demais poderes, condição de eficácia/sucesso do executivo, do judicial, do legislativo, das ânsias das elites, das reivindicações dos deserdados da vida. Não foi necessária, sequer, grande peleja para, na luta entre imprensa (no sentido restrito), rádio e televisão, ter esta última conquistado o ceptro de *Prima Dona*: “Podemos olhar para trás e reconhecer a televisão como a invenção

¹ A televisão é o “objecto do século” para os franceses, ultrapassando largamente o computador e o telefone portátil, segundo uma sondagem realizada pelo jornal *Le Parisien* e o canal público *La Cinquième*. Um total de 63% dos franceses aponta a “caixa que mudou o mundo” como o principal objecto do século XX, à frente do computador (46%) e do telemóvel (33%). O transistor de rádio aparece em quarto lugar (13%), seguido da panela de pressão (12%) e do micro-ondas (10%). A sondagem foi efectuada entre 26 e 27 de Novembro com uma amostra de 1.016 pessoas. (*Televisão é o “objecto do século”*. *Público*, n/a, 21.12.1999).

² Jean-Noel Jeanneney (1996: 31) atribui ao publicista inglês Burke a *invenção*, nos finais do século XVIII, da expressão *Quarto Poder*.

que reflectiu, moldou e recriou a cultura do século XX. (...) Nossa linguagem ecoa a linguagem da TV; o modo como nos vestimos reflecte as imagens da TV. Não é uma afirmação exagerada dizer que nos tornamos conscientes do mundo por meio da TV” (Cashmore, 1998: 10, 14).

O “real” passa agora pela sala de maquilhagem antes de se atrever a enfrentar as câmaras, como assinala Eco (1985: 213): “Por ocasião do casamento do príncipe Carlos e de lady Diana Spencer, em Londres, tudo foi encenado em função da reportagem da televisão: a cauda da princesa devia ser suficientemente longa para ser vista de cima, os tons pastel foram preferidos aos tons vivos para não saturar a filmagem e até a cor dos excrementos dos cavalos foi modificada para não ferir a objectiva da câmara”.

De assunto *susceptível de despertar o taliban que dorme em cada um de nós* (Dupuis, 1997: 23), a *um dos maiores desafios democráticos do próximo século* (Wolton, 1997: 25); dominada pela *ideia solene da estética da fascinação* (Iglesias, 1993: 15), contribuinte maior de efeitos que moldam a realidade, alterando a marcha dos acontecimentos pela simples presença das câmaras — *efeito lento, efeito Heisenberg, efeito Werther*; agradecendo os *meta-acontecimentos* que por vezes promove, parangonando *uma visão do mundo simplista, indicial, sem nuances, sem contrastes* (Jespers, 1998: 83); geradora de um *mundo/fábula*³ no qual o *factor fama* adquire papel primacial⁴; responsável pela substituição da fórmula racionalista *Penso, logo existo*, pela mais espectacular *Sou mediático, logo existo*, a televisão polariza o debate em torno dos *media*, remete para a penumbra os outros meios, tanto na virtude que pede loas como no pecado que sugere crucifixo.

É, definitivamente, a *rainha do mundo mediático*: “De facto, se fosse animal, seria certamente uma leoa. Se fosse filme, seria indubitavelmente um espectacular musical à moda de Cecil B. DeMille. Se fosse género televisivo, teria de ser uma telenovela. Se fosse fruta, seria a da época. Se fosse cantora, seria uma estrela da música pimba” (Traquina, 1997:12).

A Televisão chegou pavoneando-se, toda cheia de *donaire*, com “uma aura especial, mítica e distante, espécie de dádiva dos deuses hertzianos” (Cádima, 1999: 53). Acontece assim com a generalidade dos *media*. Todos nascem em berço de ouro, presenteados com doses generosas de incenso, até que a aura mirra. No caso da televisão, mirrou depressa.

³ “O mundo verdadeiro torna-se então, fábula... E se a história pode também ser interpretada como um inventário do esquecimento, a televisão, mais do que inventariar a figura da raridade, no sentido de Foucault, faz ascender à ‘dignidade’ do seu ecrã apenas determinados factos, em preterição de todos os outros. Produz, por assim dizer, a grande amnésia do tempo” (Cádima, 1995: 91).

⁴ “O foco de luz sobre esta nova aristocracia é tão intenso e implacável que varre qualquer valor humanizante, deixando a descoberto um universo completamente entregue à banalidade. Ser famoso é uma nova forma de estar, que permite ser constantemente reconhecido por estar constantemente presente, com a consequente sensação de possuir um tipo de existência mais sólida, total e constante que nunca.

(...) Quando a vida diária se acaba por conceber, em grande medida, como uma constante representação perante uma audiência, o mundo das aparências converte-se numa finalidade social” (Odina e Haleví, 1998: 59).

O despacho de pronúncia é severo: acusada de se deixar colonizar, vertendo *enlatados* em doses maciças; de privilegiar a violência, a par de programas de ínfimo valor cultural, vulgo *telelixo*⁵; de viciar os telespectadores, grillhetando-os ao audímetro, autómatos fascinados pelas funções *progr, vol e tele-text*; de transformar o “real” em *big show*. Um perigo para a democracia, avisou Karl Popper (1995); cabecilha da conspiração mediática responsável pela instauração da *democratura*, uma *espécie de ditadura doce sobre fundo democrático*, sentenciou Mermet (1987).

Em continente demonizado, o jornalismo televisivo não poderá, então, surgir como um distrito sem mácula. A informação televisiva revela-se produto de uma panóplia de influências, nas quais os estritos e sagrados critérios jornalísticos ocupam lugar residual. Prevalece a lógica económica, cobrindo-se o que é barato noticiar, tratando com pinças acontecimentos que envolvam interesses dos patrocinadores da estação, oferecendo espaço generoso a notícias laudatórias dos alicerces sinérgicos que sustentam o conglomerado-patrão, ao mesmo tempo que se abjura tudo o que possa beliscar a saúde financeira da estação.

Informação televisiva contaminada pelo *infotainment*, montagem de atracções que aceita espartilhar assuntos – nobres ou não – em episódios durante o próprio telejornal; promocionada ao estilo feira popular – *é já a seguir ao intervalo, não saia do seu lugar, actualidade* que chega a servir-se requentada, logo desactualizada – *veja amanhã, no jornal das tantas*.

Ao estúdio – local outrora sagrado e de difícil acesso – chegam hoje cães perigosos, fadistas que tocam trechos na íntegra, crianças que tomam o lugar do *pivot* por uns instantes, famosos que vão ao telejornal noticiar que vão estar no programa seguinte da estação, participantes de *reality-shows* que vão ao telejornal revelar como foi o seu primeiro dia depois da expulsão, outros mostrar a ansiedade dos momentos imediatamente anteriores à sua entrada no programa.

Há directos que se esgotam com a informação de que a reunião ainda não começou, repetição de directos para anunciar que a reunião está quase a começar.

A informação desportiva partidarizou-se (partido do Benfica, partido da Olivedesportos); há jornalistas que se despem para reportar vida em comunidade de nus; há os que se polvilham de adereços para sintonizarem a indumentária com o deserto despido. Alguns jornalistas reciclaram-se para reportar actualidades dos *reality-shows*; outros que nunca o foram ostentam *carteira profissional* nas capas das revistas rosa. Há *jornalistas do Big Brother*, do *Filhos da Nação*, do *Júlia 11 Horas*; há *jornalistas* especializados em noticiar os eventos da própria estação, porque a televisão virou notícia, por vezes de importância tamanha que até consegue honras de abertura nos telejornais.

O padrão dos 30 minutos deu lugar aos *telejornais-chiclete*, esticando até onde a concorrência obrigar.

⁵ “As televisões de sucesso são como o capitalismo selvagem e estão em estado de acumulação primitiva de entulho!” (Barroso, 1995: 77).

Ramonet (1998: 25) é radical, no que à informação televisiva concerne. Categórico, nega aos telejornais o estatuto de espaços de produção jornalística: “Muitos cidadãos pensam que, confortavelmente instalados no sofá da sua sala de estar, vendo no pequeno ecrã uma sensacional cascata de acontecimentos à base de imagens fortes, violentas e espectaculares, podem assim informar-se com seriedade. Erro maiúsculo. Por três razões: a primeira, porque o jornalismo televisivo, estruturado como uma ficção, não é feito para informar mas sim para distrair; em segundo lugar porque a sucessão rápida de notícias breves e fragmentadas (uma vintena por cada telejornal) produz um duplo efeito negativo de sobreinformação e desinformação; e finalmente, porque querer informar-se sem esforço é uma ilusão mais de acordo com o mito publicitário que com a mobilização cívica. Informar-se custa e é a esse preço que o cidadão adquire o direito a participar inteligentemente na vida democrática”.

Meio recente, tendo dobrado há poucos anos as bodas de ouro, dificilmente passa o cabo das tormentas erguido pela grande maioria dos teóricos que sobre ela se têm debruçado. O quadro é tão negro, as condenações tão categóricas e assertivas, que podem induzir naturalmente ao absentismo, ao pudor de investigar *electrodoméstico* produtor de tanto mal.

Apesar de tudo o que se tem escrito sobre ela, há quem continue a considerá-la um *objecto não pensado*. Ou *mal-pensado*. O discurso sobre a televisão revela-se, com ínfimas excepções, prenhe de laivos maniqueístas, estrenuamente bipolarizado. Os críticos, quase sempre, crucificam-na; os produtores televisivos correm a arrancar-lhe os pregos, que reciclam espetando-os nos críticos.

Neste quadro de posições extremadas, a contra-crítica acirra os críticos, tornando-os ainda mais impiedosos. Do outro lado da barricada, os fazedores da televisão constroem condomínio fechado, edificação destinada apenas aos profissionais injustamente incompreendidos. Da redoma auto-defensiva emite-se insistente mensagem: *Trabalhamos na caixa que mudou o mundo, se já está mudado e fomos nós, porque insistir?*

A televisão é um facto social incontornável⁶, que não pode nem deve ser reduzida a juízos destrutivos ou apologéticos. Entre as baías da trituradora e do aplaudímetro, importa abrir fresta por onde penetre o rigor científico, por natureza despido das paixões que obnubilam o bem fundado que deveria imbuir o debate sobre este influente meio de comunicação; alheado da corrente crítica do dia, com equidistância suficiente para que possa ser levado em conta, ou seja, sonhando que da investigação sobre brisa que ajude a melhorar o meio.

Tratando-se da televisão, convenhamos não ser tarefa fácil, como constata Wolton (1999: 10): “O investigador é apanhado na *contradição* seguinte: pede-se-lhe que seja livre, que explore e,

⁶ Não sendo critério exclusivo, o tempo médio que os cidadãos passam a ver televisão constitui-se como um indicador precioso da importância que o meio tem no quotidiano dos telespectadores. Dados de um estudo pan-europeu da empresa *The*

ao mesmo tempo, se ele diz algo diferente do discurso dos actores, dos homens políticos ou dos jornalistas, encontra imediatamente uma forte resistência. Principalmente quando se trata de temas tão ‘quentes’ como os que se ligam à televisão, à cultura do grande público, à informação, ao jornalismo, à política, às novas tecnologias ou à Europa. É um pouco a dupla ligação

Media Edge, referentes a 1999, davam conta de que os portugueses passavam, em média, 2,9 horas em frente ao televisor. Os consumidores mais compulsivos eram os italianos e os espanhóis, com um média de quatro horas diárias de consumo de programas televisivos, registando-se, numa década, um crescimento de 32% em Itália e de 9% em Espanha. A Áustria surge com o valor mais baixo, um consumo médio diário de 2,5 horas.

No conjunto dos países europeus, Portugal surge com uma das maiores taxas de penetração de televisão (quase 100 %) e a menor taxa de penetração do vídeo (não chegando aos 60%). O computador era, ao tempo, um bem disponível em pouco mais de 30% dos lares nacionais. Para mais detalhes, ver *Portugueses usam pouco internet mas vêem muita televisão*, e *Os hábitos portugueses*, Teresa Matos, *Público*, 23.03.2001.

Os televisores suplantam o telefone, nos equipamentos domésticos, em Portugal. Segundo dados do INE (citados pelo Obercom), em 1997 existiam 96,2% de lares equipados com televisor, contra 79,7% dotados de telefone, 46,2% com videogravador e apenas 14,3% equipados com telefone.

O número de assinantes do serviço de distribuição de televisão por cabo em Portugal ascendia a 977.000 no final do primeiro trimestre de 2001. (Dados do Instituto das Comunicações de Portugal, in “Número – 977.000”, *Público*, n/a, 27.05.2001).

No período de um ano, o número de assinantes crescerá 18%, passando a situar-se nos 1,2 milhões. No final de Março de 2002 já se encontravam cablados cerca de 62% do total de lares em Portugal – o equivalente a 3,1 milhões de domicílios, com 23% das habitações assinando o serviço de televisão por cabo. O total de assinantes da tecnologia DTH – *Direct To Home* (recepção via satélite), alternativa à infra-estrutura de cabo para a distribuição do sinal de televisão, atingia, na mesma data, os 239 mil, representando um crescimento de 54% face aos valores obtidos em Março de 2001. (Dados da Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom), in “O aumento – Assinantes da TV Cabo subiram 18 por cento”, *Público*, n/a, 23.05.2002).

Números da APEL, citados pelo Obercom e referentes a uma sondagem encomendada em 1997 por aquela associação de editores e livreiros, davam conta de que 47,9% dos portugueses do continente confessava não ser seu costume ler livros.

A nível mundial, um estudo da empresa francesa *Mediametrie* referente a 59 países, num total de 1,2 biliões de espectadores, registou um aumento do consumo televisivo durante o ano de 1999. A média diária situou-se nos 201 minutos. A América do Norte é a região do globo que passa mais tempo em frente ao ecrã (236 minutos por dia), ao contrário da Ásia que perfaz apenas 151 minutos. A Europa situou-se em 199 minutos e a América Latina em 220 minutos. Segundo aquele estudo, a tendência do consumo de televisão é de crescimento, nos últimos anos: a Europa acrescentou nove minutos ao seu tempo e os norte-americanos somaram mais dois minutos diários. (Dados divulgados pela Marktest portuguesa, in “Relatório anual em 59 países – Consumo de televisão aumentou em 1999”, *Público*, Sofia Rodrigues, 7.05.2000).

De acordo com uma sondagem realizada pela SOFRES em Janeiro de 2000, 83% dos franceses não seriam capazes de prescindir definitivamente da televisão. 78% não aguentariam um ano sem ver TV, 57% não suportariam tal abstinência sequer durante um mês, 30% não conseguiriam estar uma semana sem ligarem a caixa mágica, com 9% confessando que nem num único fim de semana são capazes de prescindir da televisão. (Dados difundidos pelo site *Canal Ipsos*, disponíveis em <http://www.canalipsos.com>).

Noutra sondagem realizada pelo mesmo instituto alguns meses antes (Agosto 1999), 75,3% dos franceses confessavam deitar-se mais tarde que o previsto em virtude do final mais demorado de um programa de televisão. 8,2% asseveravam que o consumo de televisão se reflectira numa menor frequência de relações sexuais. (Dados difundidos pelo site *Canal Ipsos*, *idem*).

Dados referentes à opção pela TV via cabo ou satélite na Europa ocidental podem ser consultados em “Estudo do observatório do satélite *Eutelsat* - Metade dos lares da Europa ocidental vêem TV via cabo ou satélite”, n/a, *Público*, 13.11.2001.

‘Ajude-nos a compreender melhor o que se passa mas, acima de tudo, diga só aquilo que queremos ouvir’... Todos aqueles que, como eu, trabalham no mundo académico e no da investigação nesta área sonham, por vezes, vir um dia a beneficiar de um pouco da atenção tão favorável que rodeia, noutros casos, as múltiplas profecias da comunicação. Este domínio não é o único onde se observa uma tal resistência à análise mas é, sem dúvida, um daqueles onde a resistência é mais visível devido à relação ambígua que cada um de nós mantém com a comunicação”.

A presente dissertação tratará do jornalismo televisivo, território sujeito, tal como o meio que o alberga, a representações que vogam ao sabor dos humores de um pelotão de críticos, por vezes demasiado lesto a incensar os profissionais das redacções televisivas, por vezes demasiado cruéis na tarefa de os apejar do pedestal da fama, até os sentirem exangues lá bem no rodapé do íngreme harmónio de socalcos da ignomínia.

Se, em rara ocasião, os jornalistas televisivos conseguem unanimidade de ruidosos aplausos, manda a prudência que não festejem o feito com alarido. A noite dos maus humores cedo descerrará, em espessa e tenebrosa nuvem, funesta lápide com inscrição interrogativa: “O jornalismo televisivo existe?”. Ponto de interrogação que, no caso, é ponto de negação.

Neste carrossel de extremos, atribui-se aos jornalistas das televisões uma aura de poder que muitas vezes não têm, neles se personificando a influência do meio em que laboram. Como, com igual destreza, se lhes exige o braço para gravar o ferrete das falhas que outros braços deveriam decorar.

A aura que embala a imagem apologética do jornalista de televisão bebe inspiração nos filmes que romantizam a profissão, nas heroicidades fátuas de acidentais repórteres de guerra, obrigatoriamente algures em locais perigosos, nunca algures num qualquer recanto de um qualquer hotel bem abrigado dos pavores bélicos. Para muitos, um jornalista de televisão é o *pivot* que apresenta as notícias, e só. O *resto* da redacção não existe. E *pivot* é sinónimo de vedeta, tem direito a capa de revista, a notícias de transferências milionárias, a escrutínio da sua vida privada.

O imaginário das redacções televisivas rejeita tanto os constrangimentos banais como as condicionantes mais pesadas. São poucos, cada vez menos os jornalistas com coragem para denunciar as pechas da profissão, porque tal temeridade lhes pode custar o posto de trabalho.

1.1. Formulação da hipótese

A nossa hipótese de trabalho é a de que, constituindo-se efectivamente os telejornais como um poderoso instrumento de veiculação de informação, através de complexos processos de selecção da actualidade, tais processos são inelutavelmente conformados por regular e intensiva reelaboração da actualidade previamente seleccionada e difundida por outras agendas, o que se

traduz numa significativa diminuição do grau de autonomia e liberdade de acção das redacções televisivas.

Da vasta série de condicionantes que conformam, significativamente, o conteúdo dos telejornais, destacaremos, em cada estação, os circuitos de realimentação dos telejornais através de *notícias a custo zero*; os comportamentos miméticos endógenos ao meio televisão e exógenos a este meio, o que nos permitirá aferir do poder limitado que as redacções televisivas demonstram para conseguir impor a agenda noticiosa.

Esse leque de constrangimentos merece, em nosso entender, dissecação tendente a uma autonomização que permita identificá-los como factores inelutavelmente condicionantes da pureza de princípios e intenções primeiras - que acreditamos existirem - junto da classe dos jornalistas encarregados de produzir os espaços informativos diários das televisões que emitem em Portugal.

Constrangimentos cujo elenco sumário já permitirá aquilatar da sua ordem de grandeza: exiguidade dos meios logísticos e humanos postos à disposição das redacções; dependência relativamente às fontes; competição pelas audiências; permeabilidade à inclusão de *info-pub* (espécie de publicidade redigida *telejornalizada*); restrição de informações através da contratação de exclusivos (com especial incidência no desporto); adequação a formatos padronizados e via de regra importados; diluição de fronteiras com outros géneros televisivos - à medida que os *shows* televisivos se vão apropriando da *realidade*, oferecendo produtos do género *Cadeira do Poder, Filhos da Nação, Eu Confesso* ou *Bombástico*, os telejornais vão-se permeabilizando cada vez mais ao *infotainment*, mistura de informação com divertimento.

Ainda a condicionante-tempo, obrigando à ausência de contextualização, geradora de prestações televisivas do género *un mot* ou em *catch words*; a condicionante-formato, com alinhamentos perenes e uma hierarquia que dramatiza à cabeça para amenizar na despedida (quase sempre com *fait divers, barbie news*); a dependência da imagem, deixando cair assuntos relevantes por carência de *ilustração*; dependência da imagem por vezes assumida como culto fetichista desta - a assunção de um *absoluto da imagem* que deixa assomar ao ecrã assuntos anedóticos, ou que leva os jornalistas de televisão a cederem à tentação de *ralentizarem* sequências da mais gritante crueldade; a vertigem do imediatismo, muitas vezes na origem de derrapagens que descredibilizam o jornalismo televisivo (de Timisoara à guerra do Golfo, a lista cresce a ritmo preocupante); a dependência cada vez maior dos despachos das agências noticiosas, com um mundo noticiado de forma delegada; a assunção da *obrigatoriedade* no tratamento de determinados assuntos, gerando impressionante regularidade de efeitos miméticos entre os telejornais de diferentes estações - mimetismo que atinge o próprio alinhamento dos espaços noticiosos televisivos; ausência de *jornalismo de investigação*, abusando-se da *repescagem*, na imprensa e na rádio, dos assuntos do dia, retirando assim, às redacções televisivas, o nobre privilégio da *revelação*.

O conceito de mimetismo traduz-se, aqui, por uma prática de recuperação, pelas redacções televisivas:

- de assuntos seleccionados e difundidos previamente por outras agendas, numa espécie de reciclagem oportunista de um real originalmente transformado em notícia por outros meios não directamente concorrentes com a televisão (mimetismo exógeno ao meio/televisão – recuperação/reelaboração/reciclagem de notícias previamente veiculadas pela rádio e pela imprensa);

- de assuntos seleccionados e difundidos previamente por meios directamente concorrentes (mimetismo endógeno ao meio/televisão - recuperação/reelaboração/reciclagem de notícias previamente veiculadas por outras estações de TV);

- de assuntos seleccionados pela própria estação, com difusão anterior noutros espaços informativos (mimetismo endógeno da estação).

Tendo por base o expandido, pretendemos, através da investigação que agora iniciamos, responder às seguintes questões:

1. A actualidade transmitida pelos telejornais é determinada, na sua globalidade, por critérios jornalísticos *tout court*?

1. a) Ou, pelo contrário, sofre, no seu processo de produção, a influência de uma vasta gama de condicionantes?

2. A verificar-se este segundo quadro, qual o peso de tais condicionantes? Assumirão estas um mero valor residual, ou deterão, no processo de produção noticiosa televisiva, uma importância capital?

3. Poderão os meios rádio e imprensa escrita integrar o leque de condicionantes sofrido pela actividade jornalística televisiva?

3. a) A constituírem-se como condicionantes, que peso específico lhes pode ser atribuído, nomeadamente no que concerne à tarefa de elaboração da agenda noticiosa por parte dos *gatekeepers* das redacções televisivas?

4. Em função dos dados a recolher, estaremos em condições de decidir pelo carácter determinante da agenda televisiva, em relação aos outros meios?

4. a) Ou, pelo contrário, poderemos considerar a agenda noticiosa televisiva como determinada, com os meios rádio e imprensa escrita desempenhando o papel de *news promoters* das suas agendas junto de uma terceira agenda, a agenda noticiosa televisiva?

HIPÓTESE

O conteúdo dos espaços informativos diários em televisão, vulgo telejornais, é sujeito a uma panóplia de condicionantes, internas à redacção, internas à empresa mas externas à redacção, e externas propriamente ditas;

- condicionantes que marcam, de forma inelutável, o produto final recebido pelos espectadores;

- e que se traduzem, por parte dos jornalistas de televisão, numa autonomia de grau infinitamente menor ao poder que lhes é vulgarmente atribuído.

Do grosso de condicionantes a elencar, assumirão especial relevo as práticas miméticas endogénas ao meio, e exógenas à televisão, característica que nos permitirá sustentar a subordinação da construção da agenda noticiosa a factores externos.

Entre esses factores, assumem especial significado as agendas dos meios rádio e imprensa escrita. Em consequência, estas agendas passarão a ser encaradas, não como meras agendas concorrenciais e até subordinadas à agenda televisiva, mas como *agendas-alavanca* de parte significativa do conteúdo da agenda televisiva, deste modo encarada como *agenda-montra* de assuntos previamente noticiados por outros meios.

Esta característica de *agenda-reflexo* de alinhamentos noticiosos anteriores com origem em meios exógenos ao campo televisivo, retirará à agenda televisiva o seu carácter determinante de outras agendas. De determinante, passará então a subordinada, poucas vezes detendo em suas mãos a *arca da originalidade noticiosa*.

Esta inversão da *communis opinio* em relação à agenda noticiosa televisiva comportará colorálio bifurcado nas consequências-mestras seguintes:

a) Menorização do jornalismo televisivo, enquanto força com potência sobrança para impor os componentes da sua agenda aos restantes meios;

b) Desresponsabilização, em grau substancial, da agenda noticiosa televisiva, das máculas que reiteradamente lhe são atribuídas. O estigma que se lhe inculca, ao ser considerada como *agenda-reflexo*, não pode somar-se à responsabilidade-mor por efeitos perniciosos, reiteradamente atribuídos à selecção noticiosa vertida diariamente pelas estações de televisão.

c) Necessidade da elaboração de uma grelha de critérios de noticiabilidade no jornalismo televisivo, pauta que deve reflectir as condicionantes específicas do meio TV.

1.2. Metodologia de investigação

Procedemos à análise de telejornais emitidos por quatro estações televisivas portuguesas (RTP1, RTP2, SIC e TVI), durante o ano de 1999.

De um total de 3.800 noticiários, foram seleccionadas três semanas, repartidas por Janeiro, Junho e Dezembro, obedecendo a escolha a critérios que adiante detalharemos; da análise dos noticiários emitidos pelas três principais estações de radiodifusão portuguesas (Antena 1, Rádio Renascença e TSF), noticiários respeitantes às semanas da amostra acima referida, num total de 2.344 noticiários; da análise dos jornais diários, semanários e revistas publicados nos períodos correspondentes à amostra.

Quer no caso da televisão, quer no da rádio, a análise incidiu sobre as gravações integrais, em suporte vídeo e áudio, dos espaços informativos diários emitidos pelas sete estações referidas.

Para complemento da investigação, acompanhámos o processo de produção dos espaços informativos diários nas redacções das TVs acima mencionadas, pelo período de uma semana por estação (segunda a domingo).

Esta observação, realizada durante o ano de 1999, foi efectuada respeitando as regras estritas previamente definidas pelas direcções das estações, tendo-se estendido por cinco semanas.

A primeira semana de observação directa cumpriu-se na redacção da RTP/Porto, responsável pela produção dos informativos matinais e da hora do almoço da empresa pública (*Notícias 1 e Jornal da Tarde*, respectivamente). A segunda semana cumpriu-se na redacção central da TVI, em Queluz; a terceira semana na redacção de Lisboa da RTP1, responsável pela produção dos noticiários do horário nobre e do último informativo do dia (*Telejornal e 24 Horas*, respectivamente). A penúltima semana de observação directa cumpriu-se na redacção central da SIC, em Carnaxide. Por último, dedicámos ainda uma semana de observação directa ao trabalho de jornalistas e *gatekeepers* da RTP2 (2.ª a 6.ª feira na redacção da 5 de Outubro, em Lisboa; sábado e domingo na redacção do Porto, responsável pela produção do *Jornal 2* ao fim de semana).

Procedemos ainda à elaboração de extenso inquérito, contendo 109 perguntas, que foi entregue a jornalistas, editores e coordenadores das redacções das quatro estações de televisão, tendo obtido respostas na ordem dos 25,1%.

Nas fontes seleccionadas, para além dos livros, procedemos a aturada pesquisa em jornais, programas de rádio e de televisão; a consultas na internet, englobando desde *sites* referentes a *media critics* a revistas electrónicas especializadas na investigação dos *media*.

Beneficiámos ainda do acesso a alguns estudos produzidos pela Marktest Audimetria, pelo Gabinete de Estudos da RTP e pela Memorandum.

1.3. Alinhamento

Da vasta gama de representações reagentes à actividade do meio *televisão*, em geral, e do jornalismo televisivo, em particular, damos conta no ponto 2 do Capítulo I (Mal Dita Televisão). O detalhe do marco teórico enquadrador das etapas de análise subsequentes cumpre-se no ponto 3 do mesmo capítulo.

O Capítulo II compreende:

- análise de três semanas de telejornais das estações seleccionadas para integrarem o *corpus* da presente tese – 4 a 10 de Janeiro de 1999, 21 a 27 de Junho de 1999, e 29 de Novembro a 5 de Dezembro de 1999;
- detalhe dos contributos resultantes das cinco semanas de observação directa que efectuámos nas redacções televisivas;

- detalhe das representações dos jornalistas de televisão no que concerne à sua actividade profissional, dados extraídos das respostas ao inquérito que elaborámos, inquérito distribuído aquando da nossa permanência nas redacções televisivas.

No Capítulo III explanamos as conclusões resultantes da investigação efectuada.

Trazendo à página a condição de jornalista profissional que durante alguns anos exerceu o *métier* em diversos meios – rádio, imprensa e televisão; conhecedor do tempo que não há sequer para chegar tantas vezes a tempo à *catcha* do dia, quanto mais para reflectir uns minutos que seja sobre o trabalho realizado; só posso pedir aos fazedores da televisão, e mais em concreto aos jornalistas de televisão, o beneplácito de considerarem esta uma investigação honesta, sem *parti pris*. Por mais que as conclusões possam ser incómodas para alguns, deixamos a certeza de não terem sido geradas nas arcas encoiradas cujas chaves a *Central Anti-Televisão* disponibiliza ao primeiro pressuroso que a demande. Acompanhando Erving Goffman, quisemos apenas *entrar no quarto na ponta dos pés e observar como eles ressonam*⁷.

Das cinco semanas passadas nas redacções das estações portuguesas, pudemos contactar mais de perto com dezenas de profissionais do jornalismo televisivo. E comprovar o que já presentíamos: há por ali muita gente boa, intelectualmente dotada (professores universitários são vários), gente ciente dos males de que a profissão padece, disponível para aturar a insistência inquiridora do académico.

Houve quem, generosamente, tivesse aceite abrir o livro das mazelas, sempre salvaguardando a *fonte*, o mesmo é dizer a segurança do posto de trabalho; quem fizesse penitência por não ter tempo (disponibilidade, traduzimos nós), para pensar a frio no produto do labor diário; quem arregalasse os olhos a dados que carreávamos de anteriores investigações sobre o meio – *Ai é?!.*

Neste simples mas sintomático espanto encontrámos a força que por vezes minguava para tentarmos levar a bom porto os objectivos definidos à partida.

⁷ A citação pertence a Eduardo Prado Coelho (*Como eles ressonam. Público*, 07.06.2001): “Nos grandes debates actuais sobre a evolução televisiva, oscila-se entre duas atitudes: a dos que denunciam com toda as ganas duma indignação moral, e a dos que analisam, no intuito mais modesto de procurar compreender. Estes últimos (sempre suspeitos de conivência, como sucede com esse excelente crítico de televisão que é Eduardo Cintra Torres) poderiam tomar como lema a frase de Erving Goffman: ‘Aquele que quiser lutar contra a alienação e desejar despertar as pessoas para os seus verdadeiros interesses terá muito a fazer, porque o sono delas é profundo. A minha intenção não é cantar uma canção de embalar, mas apenas entrar no quarto na ponta dos pés e observar como eles ressonam.’”